



**Minha roça de
urtigas**



DIRETORIA DA AAL
BIÊNIO 2010/2011

Presidente
José dos Santos Pereira Braga

Vice-Presidente
Tenório Nunes Telles de Menezes

Secretário-Geral
Almir Diniz de Carvalho

Secretário-Geral Adjunto
Carmem Novoa Silva

Tesoureiro
Arlindo Augusto dos Santos Porto

Tesoureiro-Adjunto
Abraham Sena Baze

Diretor de Patrimônio
Moacir Couto de Andrade

Diretor de Eventos
Cláudio do Carmo Chaves

Diretor de Edições
Marcus Luiz Barroso Barros

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
Avenida Ramos Ferreira, 1.009
Cep 69010-120
Centro - Manaus - AM



ALMIR DINIZ

Membro da Academia Amazonense de Letras

Minha roça de urtigas

Coleção Pensamento Amazônico
Série Violeta Branca – v. 4



Manaus – Am
2011

Copyright © 2011 Academia Amazonense de Letras

Editor
Marcus Barros

Comissão Editorial
Luiz Maximino Corrêa
Márcio Souza
Euler Ribeiro

Revisão
Benayas Inácio Pereira

Digitação
Marcela Costa de Souza

Editoração eletrônica e capa
Marcela Costa de Souza

Ficha Catalográfica

Diniz, Almir.
Minha roça de urtigas. Manaus: Academia Amazonense de
Letras, 2011.
108 p. (Coleção Pensamento Amazônico. Série Violeta Branca.
v.4)

ISBN: 978-85-64341-04-3

1. Poesias (Amazonas) I. Título Diniz, Almir.

CDD 342.56 (811.3)

Pensamento Amazônico

Certa vez, e já se vai aí um bom tempo, perguntaram a Fernando Freyre, então presidente da Fundação Joaquim Nabuco, prestigiosa instituição cultural e de pesquisa sediada no Recife, por que nos retratos de seu fundador Gilberto Freyre, autor de *Casa Grande e Senzala* e centenas de livros igualmente monumentais sobre os brasis, sua cultura e sua gente, por que nos seus retratos espalhados em vários centros de cultura do País não constava o ano de sua morte, mas, tão somente, a data do nascimento. E Fernando respondeu ao desavisado interlocutor: porque Gilberto Freyre não morreu e não morrerá nunca! Na resposta, não apenas o sentimento de amor filial, a admiração pela figura extraordinária de um dos maiores pensadores do País, mas o verdadeiro e inequívoco sentido da imortalidade nas letras, a imortalidade do pensamento.

É certo que não só por meio da palavra os mortais podem passar à posteridade, tão significativos e ilimitados são os fazeres e as formas de expressão da inteligência criadora do homem. Mas, por meio da palavra que nos singulariza como seres racionais existentes, tem o homem a possibilidade de ultrapassar-se e manter-se presente no mundo além dos limites e contingências de sua efêmera existência material.

Vocação das Academias de Letras, a palavra é o seu próprio ofício. Por meio da palavra, das letras, é que se consagra a imortalidade acadêmica. Por isso, o livro foi e será sempre condição de existência das academias, sua própria razão de existir. Grande é o acervo de obras da Academia Amazonense de Letras nos mais variados campos do conhecimento e da erudição humana, nestas nove décadas de existência. Ontem, como hoje, o infatigável e profícuo labor acadêmico!

Na persecução das suas finalidades e para assistir aos imortais na persistente vigília, lança-se a Academia Amazonense de Letras a uma nova empreitada no campo editorial, em parceria com as Secretarias de Cultura do Estado e do município, mediante a *Coleção Pensamento Amazônico* com duas séries para contemplar os saberes que dialogam nesta Casa: *Série Violeta Branca*, reunindo poesia, conto, crônica, romance, e *Série André Araújo* destinada aos ensaios no amplíssimo campo do conhecimento científico. A exemplo da Academia Brasileira de Letras, nossas edições terão selo próprio, assegurando-se, desta forma, maior dinamismo nas publicações.

Cáustico como o próprio título sugere, "Minha roça de urtigas" não é um livro de afetos a exemplo de tudo que Almir Diniz nos legara até aqui. Revelador do olhar crítico do poeta, expressa a sua indignação ante as idiossincrasias do cotidiano. Afeito ao exercício da palavra, o autor esgrima seus versos contra as iniquidades sem resvalar no lugar-comum, na irreverência e na indelicadeza vocabular. Um livro equilibrado e bem construído que valoriza a produção acadêmica.

José Braga

Presidente da Academia Amazonense de Letras



Sumário

- 13 RECORDAÇÕES DA ALDEIA | QUEM DÁ MAIS?
- 14 O MUNDO DO CHARCO | MISERICÓRDIA
- 15 “NOUVEAU RICHE” | NOVO RICO
- 16 O PRESUNÇOSO | PRESUNÇÃO
- 17 HUMILDADE | DISCERNIMENTO
- 18 A FONTE DA DOR | O FULCRO
- 19 IGUALDADE | A UTOPIA DA IGUALDADE
- 20 TURBULÊNCIA | BANQUETE
- 21 INSANIDADE | O NÃO
- 22 VAIDOSA | ENGANO
- 23 O NATIVO | O PAI DA HUMANIDADE
- 24 GANÂNCIA | O “BOM PARTIDO”
- 25 A INCONFORMADA | SAUDADE
- 26 O EQUÍVOCO DA PAIXÃO | O MARTÍRIO DA PAIXÃO
- 27 VAI, TRISTEZA! | SOME, CHOCADEIRA
- 28 A MOCIDADE | MOCIDADE
- 29 O CERNE DO ERRO | DESCUIDOS
- 30 TUDO PASSA... | PASSAGEM
- 31 O QUE RESTOU... | ESPERANÇA
- 32 INSENSIBILIDADE
- 35 O FRÁGIL TEMPLO DA VAIDADE | REINADO DA BELEZA
- 36 FUGAS | DEBUTANTE
- 37 O TROVADOR E A CINDERELA | O TROVADOR
- 38 NOSTALGIA | REVÉRBERO



39 O FIM DO BEM DE AMAR | A UTOPIA DA IGUALDADE

40 O FEL DA DESESPERANÇA

41 ARRIBADAS | TEMPO DE ARRIBAR

42 VOO...

45 UM PAI CHATO | O REFRESCO DO FAZANO

46 AO PÉ DO OUVIDO | POETA

47 TRISTE E SOZINHA... | NOITE

48 CHAMAS EXTINTAS | VESTIMENTA

49 ASAS DE CHUMBO | SONHOS DE CHUMBO

50 AS DUAS FACES DO RISO | FEL E MEL

51 O CULTIVO DA SAUDADE | CICLO

52 QUANDO FOR AMANHÃ

53 VIRTUALIDADE | PENSAMENTOS

54 SEPARAÇÃO | ORGULHO

55 RÍGIDA MOLDURA | QUADRO

56 REINO DE BARRO | ARGILA

57 DIVAGAÇÃO | À TOA

58 O NINHO DESFEITO

59 A LÁGRIMA SECA | ANONIMATO

60 PREDADORA | DISSONÂNCIA

61 PROCRIAÇÃO

63 A ETERNA PROCURA | POBRE CORAÇÃO...

64 INVEJOSOS | O SONHO DO INVEJOSO

65 O CHORO DA PEDRA | O VERBO AMAR

66 MENINO DE RUA I | SEMEANDO DELINQUÊNCIA

67 MENINO DE RUA II | PATRANHA

68 MENINO DE RUA III | MAR DE LAMA

69 MENINO DE RUA IV | REVOLTA

- 
- 70 PODIA SER ESTRELA... | ESTRELA PERDIDA
- 71 GRAFITA | O LÁPIS
- 72 APELO PELA NATUREZA | PELA NATUREZA
- 73 DOMINAÇÃO | CONQUISTA
- 74 FALSO BRILHO | REFLEXO
- 75 A ESCADA DO MUNDO | A DOR DE SOFRER
- 76 ÁGUA | DESCUIDO
- 77 CARNAÚBA | SÓ POSTAL
- 78 O ROMANCE DO ZÉ TIZIU
- 81 OCIO | ORGASMO
- 82 APENAS ILUSÃO | DESESPERO
- 83 VISITA VIRTUAL | GEOGRAFIA
- 84 SENTENÇA AMARGA | BRAVATA
- 85 AMARGOR | TRAVO
- 86 TECENDO SEDUÇÕES | A TEIA
- 87 SABENÇA | SABER
- 88 SÊ TU MESMO | INVEJA
- 89 HINO AOS PAIS
- 91 NÃO CHORES | O NÃO
- 92 INÍCIO
- 93 A UM PASSARINHO ABANDONADO | PÁSSARO SEM NINHO
- 94 MARCAS DO DESTINO | DESTINO
- 95 BALDADA ESPERANÇA | A PERDIDA ESPERANÇA
- 96 DURANTE O SONO | DESLIZES
- 97 VENENO
- 99 PARTITURA | RIMAS RICAS
- 100 FARSANTE | RENASCER



101 CINISMO | RISO DISPLICENTE

102 ESCULTURA | ESTÁTUA

103 QUIMERA

104 O QUE SOMOS? | DEVOLUÇÃO

105 A PAIXÃO | ANÚNCIO

106 SACIEDADE

107 BIOGRAFIA DO AUTOR

Recordações da aldeia

Quando saí da minha aldeia, um grito
de dor calei no peito. Na verdade
não sabia que havia a tal saudade
a doer tanto, sem qualquer atrito...

Parti. Trazia o coração aflito
a perquirir se havia na cidade
aquela aura de doce ingenuidade
que no interior é dogma e bendito.

Na urbe vi certas coisas que jamais
pudera imaginar. Vi animais
como se fossem homens – bem vestidos
de linho, seda e lã... – eram chacais,
pétreos, iníquios, ruins, irracionais
seres maus em humanos transvestidos.

Manaus, 1949

Quem dá mais?

Entre hienas e chacais
as ovelhas assustadas
ouvem deles: – quem dá mais?

O mundo do charco

Há tanta vida, tanta, em qualquer lama;
os micróbios pululam, basta olhar...

Por que, então, por que menosprezar
quem dorme na sarjeta em vez de cama?

O mundo do poder conduz à trama
do forte que comanda sem olhar,
do fraco que só vive a rastejar
conflito que, não raro, vira drama...

É doloroso ver, Cristo, que pena:
a penúria cruel entrar em cena
nas favelas espúrias e nos guetos.

Deus meu! bondoso rei e onipotente,
não deixai a penar toda essa gente
oh! misericordioso pai dos pretos.

Hotel Tropical, Manaus, 16.10.2007

Misericórdia

Olhai os pobres dos guetos
oh! divino pai dos pretos.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**